

PONTO DE VI\$TA

J. CARLOS DE ASSIS



Tragédia do desemprego entre jovens de 16 a 24

Pesquisa recente do Dieese revela que, entre os desempregados das seis maiores regiões metropolitanas (fora Rio), nada menos que 45,5% são jovens entre 16 e 24 anos.

Como as estatísticas oficiais indicam que os desempregados são cerca de 10,7% da população ativa dessas regiões, e como esse proporção provavelmente se repete para o conjunto da força de trabalho, podemos estimar o número de jovens desocupados que também não estudam em cerca de 4 milhões 400 mil.

Obviamente que não estamos considerando aqui os subempregados, e os que desistiram de procurar emprego a despeito da idade. O desocupado que aparece nessas estatísticas é o que procurou ativamente uma ocupação na semana ou mês da pesquisa e não conseguiu absolutamente nada.

Se vendeu uns picolés na praia, é considerado ocupado. Se fez um biscate, por menor que seja a remuneração, é tido como ocupado. A legião mencionada dos 4,4 milhões são como uma nau sem rumo na sociedade.

Agora esqueçamos um pouco as estatísticas e os grandes números para considerar a questão do desemprego juvenil enquanto um drama humano. Isso pode estar dentro de sua casa, na pessoa de um filho ou filha, de um irmão ou irmã, de um parente, de um amigo ou amiga.

O que faz na vida um jovem de 17 ou 19 anos que teve de parar de estudar, e que procura uma ocupação remunerada e não encontra? Não estou falando de emprego com carteira assinada, que seria um luxo. Estou falando de ocupação, inclusive informal.

Se viver na periferia de uma grande metrópole, este jovem ou esta jovem desocupada se torna presa fácil do crime organizado. É claro que nem todos se desviarão para a bandidagem.

Entretanto, considerando que há 4,4 milhões nessa situação de risco, se algo como 10% deles se desviassem seriam 440 mil – um número assustador.

Se a proporção dos desocupados desviados for de 1%, 44 mil acabariam no crime. Ora, isso é um número apavorante. É quase o dobro de toda a população carce-

felizmente não faz pesquisa independente de desemprego junto com o Dieese, certamente tem um quadro pior que o resto do Brasil, tendo em vista sua situação de portal turístico e sua geografia peculiar.

Aqui a média de meninos e meninas atraídos pelo tráfico, e de meninas que buscam a sobrevivência na prostituição, deve ser bem maior que a nacional. São milhares.

Só os cegos e os insensíveis não vêem que estamos liquidando com as perspectivas de vida de uma geração de adolescentes e formando batalhões de marginais que nos porão a vida em risco na próxima esquina ou mesmo dentro de nossas casas.

É uma ilusão pensar que se trata de um problema para ser resolvido na base da violência policial. O alto desemprego e a falta de perspectiva de vida dos jovens brasileiros são resultado da política macroeconômica neoliberal, e só uma mudança radical dela nos levará ao resgate.

Desemprego combate-se com política de pleno emprego. Política de pleno emprego passa por um aumento vigoroso dos gastos públicos, sem medo de inflação, na linha oposta ao que pregam a Fiesp e Delfim Netto.

Achar que a iniciativa privada vai resolver nossos problemas de desemprego é simplesmente um sonho de uma noite de inverno.

(*) J. Carlos de Assis
(j.cassis@terra.com.br) é jornalista, economista, mestre em Engenharia da Produção pela Coppe/UFRJ, autor de diversos livros, entre os quais "A Quarta Via" e "Trabalho como Direito".



rária do Rio de Janeiro.

Como um pouco mais de metade dos 4,4 milhões dos desocupados são meninas e jovens, não há de se estranhar a situação endêmica da prostituição no Brasil, inclusive infantil.

De vez em quando aparece uma campanha hipócrita para desestimular o turismo de prostituição. É um embustê. Assim como o pequeno tráfico de drogas nas periferias urbanas é o extremo de uma rede de negócios que sustenta milhares de empregos, a prostituição é uma estratégia de sobrevivência que nasce das circunstâncias econômicas e sociológicas do País, e não do livre arbítrio.

O Rio de Janeiro, que in-